

DESAFIOS DA DOCÊNCIA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL DE MÚSICA: REFLEXÕES E PRÁTICAS NA CULTURA DIGITAL

André de Cillo Rodrigues
andredecillo@ufrgs.br

Luciane Cuervo
luciane.cuervo@ufrgs.br

Departamento de Música do Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: O trabalho está estruturado de forma a descrever e problematizar o ensino remoto no âmbito acadêmico da área da música. Parte da apresentação e questionamento sobre normas de regulamentação dessa modalidade emergencial, e percorre as ações docentes de criação ou adaptação, organização e implementação dos materiais didáticos das diferentes disciplinas ministradas pelos autores, do seu planejamento à avaliação por parte dos(as) estudantes. Ao final, busca congrega algumas ideias dessa experiência, de modo a apontar desafios superados e outros que se impuseram no contexto.

Palavras-chave: pandemia; ensino superior; novas tecnologias digitais (NTD).

Abstract: The work is structured in order to describe and problematize remote teaching in the academic field of music. It starts with the presentation and questioning of regulations of this emergency modality and then goes through the teaching actions in order to create, adapt, arrange and implement the teaching materials of the different disciplines taught by the authors, from their planning to the evaluation by the students. In the end, it seeks to bring together some ideas from this experience, in order to point out overcome challenges and others that were imposed in this context.

Key Words: pandemic; higher education; new digital technologies (NDT).

Contextualizando o ensino remoto

Este trabalho relata e problematiza ações docentes demandadas na quarentena decorrente da pandemia da Covid-19¹, suscitando a adaptação emergencial da metodologia mediada pelas novas tecnologias digitais (NTD) na esfera da graduação em música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - Brasil). Nosso encontro colaborativo se dá pelo fato de sermos colegas de departamento nesta instituição pública, possuindo afinidades epistemológicas e didáticas, especialmente no que concerne à preocupação em

¹ A Organização Mundial da Saúde (OMS) denomina a doença causada pelo novo Coronavírus de COVID-19 (Corona Vírus Disease).

promover uma abordagem dialógica e acessível aos/às estudantes, à democratização do conhecimento científico e artístico na formação inicial da área música no ensino universitário, assim como à permanente pesquisa sobre recursos e materiais com potencial qualitativo na produção de objetos virtuais de aprendizagem (OVAs) e manutenção de ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs). Embora ministremos diferentes disciplinas² e possuamos formações distintas nessa área, nos unimos pelos pontos convergentes em interesses de estudos, produções, experimentações e reflexões, dialogando criticamente no contexto de um trabalho colaborativo.

Em um primeiro momento, houve uma preocupação geral da comunidade acadêmica em diferenciar a modalidade EAD (Educação a Distância) do ERE (Ensino Remoto Emergencial), considerando as especificidades de cada uma. Por outro lado, ambas se diferenciam do ensino presencial, modalidade que originalmente caracteriza o curso de música alvo dessa discussão. Ao final do primeiro semestre de ERE, em novembro de 2020, foram divulgados dados da pesquisa “Desenvolvimento Docente no Contexto do ERE” (EDUFRGS, 2020), proposta para identificar demandas de formação continuada de professores relacionadas a este período inédito da história da Instituição. Seus resultados mostram necessidades que também identificamos em nossa atuação no curso de música, como a pesquisa e o domínio de ferramentas para a produção de vídeos e outros OVAs e funcionamento de plataformas de aprendizagem, focado nessa universidade em duas opções principais: Moodle Acadêmico³ e Microsoft Teams⁴. Destacam-se ainda demandas de qualificação da comunicação e motivação de estudantes, com especial atenção à saúde mental do corpo discente (EDUFRGS, 2020).

É importante mencionar que nossa atuação também se organiza em respeito às normativas institucionais, no que se refere à Resolução de nº25/2020 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE, 2020), a qual baliza esta comunidade acadêmica a partir da pandemia. Sobre isso, é relevante citar as datas do íterim efetivo entre a suspensão das aulas presenciais e a publicação da referida Resolução: do dia 16/03 até 27/07 de 2020. Vários meses após o estabelecimento da quarentena e do distanciamento social que este documento buscou regulamentar o ERE, cuja definição está assim

² Para diferenciar algumas menções específicas de cada autor, utilizaremos os sobrenomes Rodrigues e Cuervo.

³ Site de suporte ao Moodle Acadêmico institucional da UFRGS: <https://www.ufrgs.br/ajudamoodle/>

⁴ Página de divulgação institucional sobre a adesão da UFRGS ao MS: Teams <http://www.ufrgs.br/tri/cpd/noticias/alunos-da-ufrgs-tem-acesso-gratuito-a-programas-profissionais-da-microsoft>

demarcada pela UFRGS: [...] uma estratégia adotada num momento de crise, cuja ênfase recai sobre o caráter emergencial do momento” (PROGRAD/UFRGS, 2021).

Essa Resolução nº25 (CEPE, 2020) permite que sejam oferecidas ou canceladas disciplinas cujos ministrantes julgam serem passíveis ou não de adaptação ao ERE, e flexibilizações de pré-requisitos e outros recursos. Um dado que nos chamou a atenção é relativo à necessidade de adaptação dos Planos de Ensino (documentos que caracterizam e organizam a disciplina): permite a modificação da metodologia, avaliação e bibliografia, no entanto veda a adaptação de conteúdos ao formato ERE (CEPE, 2020). Ou seja, enquanto docentes, nos vimos diante de mais um desafio, o de ministrar os mesmos conteúdos de uma disciplina de natureza presencial numa situação de excepcionalidade de ensino mediado pelos computadores ou aparelhos celulares e em um cronograma reduzido, conforme aponta o §1 do artigo 6º: “A súmula, os conteúdos e os objetivos de aprendizagem não poderão ser modificados.” (CEPE, 2020, p. 3). Outro grande desafio foi a necessidade de dar prosseguimento ao trabalho mesmo sem subsídios das esferas federal, estadual ou municipal que garantissem o acesso à internet e a equipamentos que fossem demandados pelo corpo discente - isso partindo-se do pressuposto de que cada docente teria a obrigação de prover a sua infraestrutura.

Resumidamente, as dificuldades identificadas no início do ERE no curso, são: 1) falta de domínio de ferramentas e novos recursos demandados na produção de OVAs e de sua implementação nos AVAs de modo emergencial; 2) impossibilidade de adaptação de conteúdos e reorganização de objetivos das disciplinas de graduação; 3) incertezas quanto às condições materiais e de saúde mental de nossos estudantes, lembrando ainda que recebemos desde formandos, que estão em período conclusivo, até recém ingressantes que chegaram a ter apenas duas semanas de aulas presenciais em seu primeiro contato com o meio acadêmico de música, vindos diretamente da escola.

Neste contexto, é preciso pontuar que a adaptação ao formato remoto possui um caráter ideológico. No ensino público, o pressuposto da existência de condições materiais ideais de acesso aos recursos disponibilizados, quer dizer, a desconsideração de fatores socioeconômicos na preparação dos materiais de ensino, pode levar à exclusão de um contingente considerável de alunos de baixa renda e ampliar a desigualdade econômica em um país que já é um dos mais desiguais do mundo. Conforme discutem Cuervo e Santiago (2020), a população brasileira já sofria com diversos problemas de acesso à internet, falta de recursos materiais e suporte emocional, com um nível de estresse que tem

se acentuado com o confinamento social na quarentena, o que se identifica também no meio acadêmico de música:

O retorno às aulas em formato virtual após uma primeira pausa de meses em nossa instituição, trouxe relevante acolhimento emocional para alguns estudantes de graduação, embora saibamos de muitos casos de exclusão do acesso a tecnologias demandadas no ensino remoto (CUERVO e SANTIAGO, 2020, p. 360).

Conquanto a retomada das aulas tenha se refletido no resgate dos vínculos pedagógicos, inclusive no que se refere ao acolhimento emocional dos estudantes de graduação, ela também trouxe uma série de desafios para o docente no diz respeito ao planejamento, produção de materiais didáticos e sua utilização prática em um novo contexto. Portanto, ainda que levemos em consideração §1 do artigo 6º da Resolução 25/2020 (CEPE, 2020), na prática, precisamos admitir que a mudança súbita dos meios, do presencial para o digital, engendra modificações de ordem estrutural nas estratégias de ensino e demanda outro tipo de postura por parte do docente e do discente.

Embora seja tratado como uma solução possível em meio ao caos social que se instituiu com a pandemia e, por isso, chamado de ensino emergencial, o formato online possui especificidades que se refletem em modos distintos de se pensar o ensino, com perdas e ganhos. A partir dessa contextualização, vamos discutir aspectos da pesquisa, elaboração e testagem de OVAs e algumas estratégias pedagógicas adotadas.

Novas demandas, dilemas antigos

A experiência imposta pelo ERE acabou promovendo um laboratório educacional repleto de soluções novas e criativas, impelindo os docentes a se familiarizar com todo um novo aparato conceitual e técnico que pudessem prepará-los para o formato remoto, demandando tempo e recursos materiais em estudos, capacitações e investimento para a aquisição de novos equipamentos. A evasão, a falta de sentido de pertencimento e vínculo e mesmo a saúde física e mental de estudantes de um curso de alta carga coletiva e prática também se destacaram como elementos merecedores de nossa atenção, lembrando que o setor cultural foi o primeiro a ser interrompido e provavelmente será um dos últimos a retomar a normalidade diante da pandemia.

Em virtude das questões expostas, as disciplinas coletivas discutidas neste artigo que, historicamente, contam com um número elevado de inscritos, partiram de algumas premissas que pautaram sua reelaboração. Em primeiro lugar, elas se basearam em recursos que pudessem ser oferecidos ou, ao menos, disponibilizados, de modo

assíncrono, favorecendo o acesso e a participação do maior número possível de pessoas. Estes materiais foram reunidos em um dos ambientes virtuais adotados pela universidade, o Moodle Acadêmico, o qual se articulou não apenas como um repositório, mas também como local preferencial para o desenvolvimento dos conteúdos da disciplina, assim como trocas e discussões acadêmicas no processo de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto em comum de nosso trabalho foi a preocupação em sistematizar as formas de comunicação acolhedora com os(as) estudantes, preferencialmente na troca de mensagens propiciada pelo Moodle. Esse recurso se mostrou eficaz também pela avaliação final dos(as) estudantes em relação às disciplinas por nós ministradas, sendo um ponto elogiado pelo corpo discente, trazendo consistência e segurança no processo.

Por opção pessoal de Cuervo, as disciplinas que envolviam práticas musicais coletivas, ou seja, originalmente compreendidas como fazer musical interativo simultâneo, foram canceladas no 1º semestre de ERE. Essa decisão foi tomada a partir da escuta dos(as) estudantes, pois esse fazer coletivo mediado pela internet particular tão desigual em qualidade de conexão, potência e dispositivos, poderia tornar a proposta excludente. Nesse sentido Cuervo e Santiago (2020, p. 367-368) afirmam que:

De forma súbita, artistas e educadores da modalidade presencial tradicional passaram a atuar como professores conteudistas, pesquisadores, produtores e tutores de si e consigo mesmos e, em muitos casos, sequer contando com uma plataforma de aprendizagem adequada para utilizar, principalmente considerando as especificidades da música: qualidade sonora e sincronidade no fazer musical coletivo.

Além de dificuldades como a simultaneidade de uma turma via internet, outro grande obstáculo é equilibrar a produção de materiais acessíveis com as possibilidades críticas e interativas discentes. Considerando que OVAs produzidos anteriormente ao ERE e oferecidos de forma complementar à modalidade presencial no Moodle Acadêmico, bem como a possível demanda posterior ao ERE na retomada das atividades, cabe ressaltar critérios convencionalmente difundidos. Nas diretrizes da UNESCO (2020) encontramos alguns elementos elucidativos: possibilidade de uso por qualquer estudante; apresentação simples, acessível, intuitiva e objetiva; reusabilidade, entre outros. Em nossas disciplinas, procuramos explorar os materiais de maneira heterogênea, tentando facilitar o acesso e a integração de discentes com perfis diversos.

Nessa perspectiva, identificamos demandas inéditas que precisaram de respostas em curto período, ao mesmo tempo em que fomos levados a implementar recursos a partir de critérios complexos, pois nem sempre a melhor ferramenta em termos técnicos é viável e acessível no nosso contexto de trabalho.

Relato de caso

Apesar de priorizarem o acesso e se basearem em atividades de ensino assíncronas, isto é, que podem ser acessadas livremente durante seu oferecimento, as disciplinas por nós ministradas desenvolveram soluções distintas para a adaptação ao ERE. A disciplina de Análise II de Rodrigues se baseou em um arquivo de texto, disponibilizado em formato de “livro” no Moodle (SEAD, 2020). O texto se articula como material didático, ao mesmo tempo em que sua leitura vai coordenando o acesso aos demais recursos de aprendizagem como vídeos, áudios, além de exercícios, discussões e outras tarefas práticas através de hiperlinks. Esta estratégia visou facilitar a fruição e o acesso aos materiais, mesmo para aqueles que não estivessem previamente familiarizados com o formato online ou que não dominassem os recursos tecnológicos.

Uma das maiores preocupações e desafios da conversão da disciplina de Análise Musical se refere à existência de um forte componente prático, presente, aliás, em todas as matérias musicais ditas “teóricas”. Este componente é imprescindível para a assimilação dos conteúdos em sala de aula, ainda que muitas vezes passe despercebido no dia-a-dia do ensino presencial. A possibilidade constante de interação “em tempo real” entre aluno e professor e destes com a turma, somada à implementação de exercícios e de estratégias ativas de ensino, corroboram para a consolidação do conteúdo e complementam os momentos de cunho mais dissertativo, de exposição da matéria.

Uma das estratégias escolhidas para lidar com esta questão por ambos os docentes foi a implementação de fóruns de discussão a partir de questões específicas construídas com base no material didático. O Moodle possui quatro tipos de fórum com características distintas, mas destacamos o fórum “Pergunta e Resposta” porque, neste recurso, o aluno responde a uma pergunta proposta pelo professor, cuja configuração oculta respostas de outros alunos, até que se responda à pergunta. Após a postagem inicial, os alunos podem ver e comentar as respostas uns dos outros, encorajando a construção de um raciocínio pessoal e estimulando o engajamento e a participação crítica posterior nas discussões promovidas. Outro tipo de fórum foi empregado para a apresentação de tarefas, como a produção textual em Iniciação à Pesquisa de Cuervo, possibilitando que cada estudante conheça, comente e discuta os textos da turma.

O formato da disciplina baseado em um material textual oferecido como um recurso de livro do Moodle e fóruns de discussão coletiva encontra precedentes em cursos oferecidos por diversas instituições de ensino. Ele é utilizado, por exemplo, nos cursos

Introdução a Análise Musical do programa de formação continuada da Universidade de Oxford (2021) exemplificando a sua relevância em diferentes contextos da EAD.

Em nossas disciplinas ainda realizamos a produção de vídeo-aulas publicadas no YouTube, de unidades de estudo expostas em sequência cronológica no AVA, bem como implementados recursos como Glossário e Questionário no Moodle, entre outros.

Ao receber novos estudantes dos cursos de Licenciatura em Música, Cuervo conduziu a disciplina Introdução à Educação Musical de modo a fazer um acompanhamento acolhedor e dialógico de iniciação a um campo de saberes e práticas. Dinâmicas presenciais de apresentação e integração precisaram ocorrer de maneira adaptada, mediadas por computadores ou, por vezes, por celulares de telas de poucas polegadas. O Moodle, empregado há mais de uma década pela docente como recurso complementar à modalidade presencial, passou a ser o principal ambiente de trabalho. Os quais imbricam em ações de pesquisa e produção textual, entre outras, valorizando a produção discente. Nessa trajetória, seja nesta disciplina, seja em outras ministradas por Cuervo, como Iniciação à Pesquisa, houve uma preocupação em não tornar a metodologia no ERE uma proposta demasiadamente expositiva, por isso também os(as) estudantes foram convidados(as) a pesquisar, produzir e apresentar trabalhos em formato livre para a turma sobre conteúdos propostos. Uma atividade também foi bem recebida pelos estudantes foi a criação de podcast no aplicativo gratuito Anchor⁵, cuja plataforma oferece todas as ferramentas desde a sua criação até a difusão do produto resultante.

Na disciplina de Harmonia C de Rodrigues foi adotada uma estratégia distinta e, embora os fóruns também tenham sido utilizados. Os recursos empregados se dividiram em materiais com o propósito de apresentar o conteúdo da disciplina e atividades de natureza prática. A ideia central era fazer com que os materiais pudessem oferecer recortes e visões diferentes a respeito dos mesmos assuntos, complementando um ao outro. Num formato hipermidiático, foi possível incorporar partituras com editores interativos através do sistema de compartilhamento na nuvem do software Sibelius⁶ e do sistema de incorporação do software Musescore⁷, com a vantagem de que este último é gratuito. Por outro lado, o Sibelius oferece possibilidades gratuitas, ainda que limitadas, de incorporar suas próprias partituras de modo online, enquanto o Musescore exige assinatura para disponibilizar este recurso. A disciplina, em virtude de sua natureza também prática, alternou textos e vídeos

⁵ ANCHOR. *Make your podcast*. Disponível em: <https://anchor.fm/>

⁶ Página Oficial: <http://www.sibelius.com/download/index.html>

⁷ Página oficial do software no Brasil: <https://musescore.org/pt-br>

com exercícios de análise harmônica e criação. Por conta do alto número de participantes, surgiu a necessidade de automatizar o maior número de possível de exercícios, ao menos nos casos em que esta automatização era possível. E, embora existam recursos online que oferecem ferramentas editoras de partitura online voltadas à criação de exercícios de análise harmônica, estes costumam ser pagos, dificultando sua adoção no ensino público, de modo que foram descartados.

Como alternativa para os exercícios de análise harmônica, foi utilizado um tipo de questão do Moodle chamado “arrastar e soltar sobre a imagem”. A imagem, no caso, consistia nos trechos musicais a serem analisados, eventualmente com áudio. Abaixo da imagem foram colocados diversos rótulos para serem encaixados.

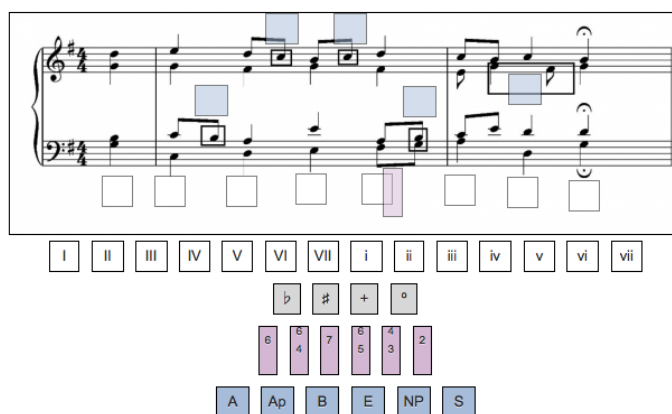
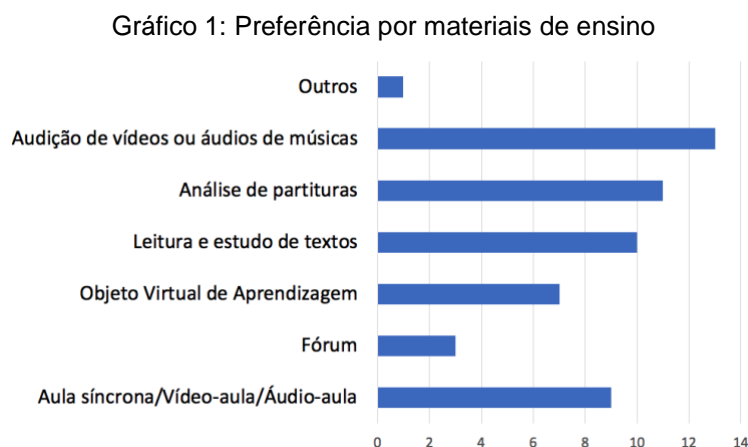


Fig. 1: exercício de análise harmônica utilizando recursos do Moodle

Para avaliar as propostas e seus materiais, promover a autoavaliação e dar voz aos estudantes, exploramos a ferramenta “Pesquisa” do Moodle. Percebemos, de modo geral, que as turmas avaliaram positivamente o uso criativo das ferramentas e dos formatos dos OVAs no AVA. Um recorte na disciplina Introdução à Educação Musical de Cuervo ilustra essa afirmação, pois as respostas de múltipla escolha se dividiram na preferência de formatos distintos adotados: 56,25% da turma escolheu aula síncrona online regular, encontro síncrono esporádico e questionário como recursos preferidos, enquanto 50% selecionou a vídeo-aula como OVA mais adequado.

Nas disciplinas de Harmonia e Análise Musical de Rodrigues, os resultados da pesquisa indicaram que aproximadamente 54,9% classificaram os OVAs como ‘extremamente eficazes’; 28,4% como ‘muito eficazes’ (10); e 14,6% como ‘um pouco eficazes’ (3), 1,9% como ‘não tão’ eficazes e nenhum aluno classificou os OVAs como ‘nada eficazes’. Em relação aos materiais de aprendizagem (fóruns e atividades para entrega) os resultados foram semelhantes: 58,8% classificaram os materiais como ‘extremamente

eficazes'; 30,3% como 'muito eficazes' (10); e 8,9% como 'um pouco eficazes' (3), e 1,9% como 'não tão' eficazes e nenhum aluno classificou os materiais como 'nada eficazes'. Também se perguntou a respeito de quais os recursos utilizados que mais agradaram aos alunos. As respostas foram variadas e os alunos podiam selecionar mais de uma opção, embora seja possível perceber uma predileção ligeiramente maior por audição de músicas em formato de vídeo (com partitura) ou áudio e uma menor valorização do fórum:



Em relação aos formatos que os alunos não gostariam de ver em um próximo semestre das disciplinas, 24% selecionou a opção 'fórum' e 56% selecionou a opção 'gostei de todos os recursos'. As demais opções não tiveram resultados expressivos.

Considerações Finais

O ERE teve momentos desanimadores, mas também estimulantes. Em nossas discussões, concordamos em defender que a excelência neste momento dramático do ERE passa pela capacidade de acolhimento, inclusão e resgate de estudantes ao longo do semestre, buscando diminuir a esperada evasão, no que obtemos êxito.

Fortalecer a autonomia do estudante, dividindo com ele o engajamento pelo aprendizado e interações com os conteúdos e propostas de forma ativa e crítica nunca foi tão crucial. Ambos agentes, discentes e docentes, assumiram uma intensa carga de novos saberes e práticas em constante transformação no campo da cultura digital. A capacidade de superação e proposição criativa para os problemas apresentados foi evocada ao longo dos meses, ainda que tenhamos nos deparado e comovido com a desigualdade socioeconômica e a ausência de comprometimento de esferas públicas em tentar amenizá-las.

A falta de familiaridade com a cultura digital, por vezes manifestada na resistência às atividades propostas em fóruns de discussão e percebida através das pesquisas de avaliação demanda maiores investigações antes que possamos concluir as razões que levaram a isto. Historicamente já havia um comportamento um tanto temerário em relação à EAD, considerando que as especificidades da linguagem musical nem sempre são contempladas em sua plenitude.

Se, em relação aos momentos reflexivos, o formato online se adequa com certa facilidade ao propósito e possibilita uma variedade de estratégias de disseminação de conteúdo tanto síncrona quanto assincronamente, por outro lado, no ERE os momentos práticos em sala de aula (e fora dela) precisam ser repensados. Nos impelimos, assim, a levar em conta outros critérios, como a qualidade de acesso à internet, possibilidades materiais de acesso síncrono por parte tanto de professores quanto alunos e o custo institucional e pessoal da implementação de ferramentas pedagógicas adequadas que, ao serem mediadas por máquinas, carecem de calor humano.

De qualquer modo, é provável que boa parte dessas experiências venha a enriquecer a comunidade acadêmica nos semestres vindouros, reforçando o caráter investigativo e criativo que delinea o processo educativo.

Referências

CEPE - CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO da UFRGS. *Resolução nº 25/27 de julho de 2020 que estabelece a regulamentação do ERE na UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cepe/res-025-ensino-remoto-emergencial-ere-versao-pagina>.

CUERVO, Luciane; SANTIAGO, Pedro R. Bucker. Percepções do impacto da pandemia no meio acadêmico da música: um ensaio aberto sobre temporalidades e musicalidades. *Revista Música*, v.20 n.2 – Dossiê Música em Quarentena Universidade de São Paulo, dezembro de 2020. p. 357-378. ISSN22387625. DOI 10.11606/rm.v20i2.180068

EDUFRGS – Escola de Desenvolvimento do Servidor da UFRGS. *Desenvolvimento Docente no Contexto do ERE*. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/edufgrs/desenvolvimento-docente-no-contexto-do-ere/>

OXFORD. *Analyzing Classical Music: An Introduction 2021*. Disponível em: <https://www.conted.ox.ac.uk/courses/analysing-classical-music-an-introduction-online?code=O20P543MSV>

PROGRAD - Pró-Reitoria de Graduação. *Ensino Remoto Emergencial*. Porto Alegre: UFRGS, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prograd/ere-ensino-remoto-emergencial/>

SEAD – Secretaria de Educação a Distância da UFRGS. *Adicionar livro*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ajudamoodle/professor/recursos/adicionar-livro.php>

UNESCO. *Education response solutions. Covid19*. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse/solutions>